

ESTADO DE SÃO PAULO

Visão da semana: novos riscos para o Cruzado

27 JUL 1986

com Brasil

A economia literalmente parou na semana passada, primeiro esperando o pacote do governo, depois tentando digerí-lo, tarefa sem dúvida mais delicada. O problema é que as inconsistências dessas medidas, somadas às do Plano de Metas, colocam novos desafios para o Cruzado, como se este estivesse começando a ser superado pelos acontecimentos.

O que era um plano inicialmente concebido para acabar com a inflação inercial, abrindo então o campo à retomada do crescimento em bases sólidas, tornou-se um contrato de risco em larga escala, tendo como sócios os viajantes ao Exterior, além dos proprietários de automóveis. Na realidade, sucederam-se dois pacotes, pois o Plano de Metas também sugeriu uma série de dúvidas quanto à viabilidade dos objetivos propostos, além de sua respectiva forma de financiamento. Assim, como se não bastasse as dúvidas ainda pendentes relativas ao cruzado, outras foram acrescentadas, para efeito de médio e longo prazo. Mas, nem por isso, outras questões deixaram de continuar merecendo a atenção do noticiário econômico.

Os problemas de abastecimento, por exemplo, permaneceram intocados, com uma pequena exceção para a carne, cuja oferta volta a crescer timidamente no mercado interno. A iminência de chegada das importações também favoreceu uma pequena queda das cotações, mas ainda se cobra ágio (este não foi confiscado

pelo governo, como o dos automóveis).

Duas notícias positivas: a inflação medida pela Fipe cresceu apenas 0,31% nas quatro últimas semanas até a metade do mês, ostentando uma tendência declinante, pelo menos por enquanto, sempre graças ao congelamento. Por seu lado, a indústria paulista apresentou um surpreendente crescimento de 14,8% em maio.

No plano internacional, o México ganhou destaque por assinar novo acordo com o FMI, o que lhe permite dispor de imediato de US\$ 1,6 bilhão por parte desse organismo, além de US\$ 2 bilhões em créditos do BIRD, aguardando-se mais US\$ 5 a 7 bilhões por parte dos bancos privados internacionais. Os Estados Unidos abriram linhas de crédito ao país, que logrou incluir em seus compromissos uma condicionalidade referente às variações de preços de petróleo.

Para o Brasil, resta a expectativa de que os bancos endossem os termos do acordo que começou a ser assinado na semana passada. No entanto, é de se supor que os credores estejam temerosos quanto ao futuro do Cruzado, após duas grandes e sucessivas desvalorizações inapeláveis da dívida interna. Assim, os próximos meses deverão ser decisivos não apenas para a política econômica doméstica, mas ainda para atestar a viabilidade de uma renegociação favorável ao Exterior.